

O lugar literário e a costura dos lugares: interfaces entre turismo, museu e a poética de Cora Coralina

Clovis Carvalho Britto

Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.

Professor da Universidade de Brasília, Brasil.

E-mail: clovisbritto@unb.br

Resumo

Este artigo analisa as interfaces entre museu, turismo e a poética de Cora Coralina (1889-1985) na construção de lugares literários em Goiás. O intuito é observar possibilidades analíticas a respeito das fricções entre a materialidade do texto e a textualidade da cultura material na instituição de espaços de ficção construídos na triangulação entre texto literário, trajetória de vida e território. Os referenciais teóricos evidenciam o conceito de lugar literário nos atravessamentos entre museu literário e turismo literário, ao conceber como essa relação pode contribuir para a ampliação do literário por meio da instituição de uma memória espacializada. Desse modo, a partir de pesquisa exploratória pautada em análise documental e revisão bibliográfica, elege como estudos de caso o Museu-Casa de Cora Coralina, o túmulo da escritora, a estátua em frente ao museu e a rota Caminho de Cora Coralina. As análises explicitam como o museu-casa se converteu em lugar literário e contribuiu para a criação e articulação de outros lugares, problematizando os protocolos e os repertórios do turismo literário neste processo. A intenção da pesquisa foi identificar possíveis problemáticas nas relações entre turismo, museu e vida literária para, posteriormente, realizar entrevistas com turistas e gestores sobre as principais motivações de deslocamento e as relações com os lugares literários investigados.

Palavras-chave: Turismo; Literatura; Museu; Lugar literário; Cora Coralina.

1 INTRODUÇÃO

As ocasiões de partir podem ser aleatórias: abrir um atlas, fechar os olhos, apontar um país, decidir-se por uma região inesperada, confiar, quando se tem essa oportunidade, nos convites oferecidos a percorrer o planeta, consentir aos sonhos de criança, desejar outro lugar desejado por uma pessoa querida, partir nas pegadas de um poeta, de um filósofo ou de um artista amados, em busca de uma geografia sentimental encarnada, em busca de uma poética da

geografia no espírito de Bachelard, que fala de uma poética do espaço e de um direito de sonhar. A prosa do mundo pode ser decifrada, segundo a lição desse filósofo da Borgonha, à maneira da água, da terra, do fogo, das nuvens, dos sonhos, dos devaneios, de um sótão, de uma casa, de uma concha, da chama de uma vela ou de uma lareira. Ou de um poema. Pois o poema do mundo não cessa de invocar propostas de deciframentos (ONFRAY, 2009, p. 86).

Neste artigo analisamos as interfaces entre turismo e museu a partir do exame de algumas estratégias de mobilização da poética da escritora goiana Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), conhecida internacionalmente pelo nome literário Cora Coralina. O intuito é evidenciar algumas experiências de deciframento do “poema do mundo” (ONFRAY, 2009, p. 86) que convergem museus literários e turismo literário como instâncias de “encenação da imortalidade” (EL FAR, 2000) em torno de aspectos da vida e obra da escritora.

O fio condutor da investigação é o conceito de lugar literário (HERBERT, 2001) e as ações que contribuem para o trasbordamento do literário para o território estimuladas pelo Museu-Casa de Cora Coralina, instituição museológica aberta em 1989 na casa-natal da escritora, na cidade de Goiás. Desse modo, o artigo explicita como os museus literários se convertem em lugar literário e podem contribuir para a criação e articulação de outros lugares em torno do literário, problematizando o modo como o turismo literário pode estimular esse processo. Nesses termos, concordamos com Sílvia Quinteiro (2019) quando reconheceu que os lugares literários “constituem a unidade mínima a partir da qual se desenvolve a maioria dos produtos e experiências de turismo literário” (p.5).

Neste artigo evidenciaremos algumas estratégias de mobilização de protocolos de musealização e turistificação do literário como formas de tensionamento entre a materialidade do texto e a textualidade da cultura material. O caso de Cora Coralina consiste em um exemplo significativo em virtude das articulações do museu-casa com vistas à fabricação de lugares e rotas literárias, consistindo em metonímia de algumas experiências entre Literatura, Museologia e Turismo na mobilização e invenção de repertórios da vida literária. Neste texto, acompanharemos a instituição de “espaços de ficção” a partir dos atravessamentos entre texto literário, trajetória de vida e território, tendo como estudo de caso a problematização do Museu-Casa de Cora Coralina, do túmulo da escritora, da estátua de Cora Coralina e do Caminho de Cora Coralina como lugares literários.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Museus literários, Turismo literário e Lugar literário

Museus, Literatura e Turismo se entrecruzam e retroalimentam de diversas formas. De acordo com Ana Luiza Rocha do Valle e Clovis Carvalho Britto (2021), a cultura material relacionada à Literatura e os suportes e técnicas utilizados para a expressão das ideias literárias também integram a vida literária. Para os pesquisadores esse argumento amplia a noção de Literatura ao considerar que a musealização de objetos, das residências e de espaços (incluindo os ficcionais) fabricados/vivenciados

pelos escritores e pelas escritoras contribui para a operacionalização de uma política da memória e para a perpetuação de determinados nomes e obras. Desse modo, destacam que “o leitor é motivado a conhecer o espaço musealizado em virtude do renome do autor. Essas territorialidades, ao fundirem vida, obra e cultura material, incentivam releituras da obra e da própria vida enquanto obra” (VALLE; BRITTO, 2021, p.310).

Surge, nesse processo, uma economia de símbolos que mobiliza novos suportes e formas de leitura dilatando a própria compreensão de literário e de museus. Isso contribui para a “desconstrução do entendimento sobre documento, narrativa e literário, abarcando outras tipologias e suportes. Um exemplo são os objetos que se tornam marcadores tangíveis da experiência em torno da vida literária” (VALLE, BRITTO, 2021, p.308), tornando-se testemunhos materiais imersos nos círculos de consagração e nas relações de reciprocidade. Na verdade, surgem possibilidades analíticas a respeito das fricções entre a materialidade do texto e a textualidade do acervo na instituição de um outro “espaço de ficção” construído por meio das aproximações entre texto literário, trajetória de vida e território. Esses atravessamentos geram repertórios da vida literária e estabelecem uma semântica própria.

Nesses termos, a semântica instituída por meio da mobilização de objetos, espaços e textos relativos à vida literária consistiria em um dos resultados da musealização, entendida como uma passagem criadora ou uma performance específica por meio das coisas (BRULON, 2018) e a textualidade remeteria à leitura dos objetos como repertórios e da musealização (conjunto de operações no âmbito da preservação, pesquisa e comunicação que efetua o itinerário do museável para o musealizado) como uma forma singular de manifestação da comunicação.

Aqui reconhecemos ser possível conceber como o Turismo também pode contribuir para a ampliação do literário, ao mobilizar a procura pela vida literária por meio da tecitura de uma memória espacializada ou, nos termos Gaston Bachelard (2008), uma topofilia. Para o autor, é possível instituir valores e imagens poéticas dos espaços de posse, louvação e afeto, dissecando no jogo imagético entre o exterior e a intimidade a instituição de uma memória espacializada. Do mesmo modo, é possível reconhecer o modo como o Turismo operacionalizaria uma memória topográfica, conforme a formulação de Willi Bolle (1994), ao identificar na obra de Walter Benjamin afinidades entre as estruturas da cidade e dos indivíduos que nela vivem. Em suas interpretações, a memória topográfica contribuiria para a compreensão dos espaços como pontos de referência para captar experiências sociais e espirituais. Nesses termos, também sublinha uma memória espacializada, ao reverberar as interações dos indivíduos a partir de uma costura de lugares. Conforme destacou Bolle (1994), a cidade vivida e imaginada estimularia a construção de mapas afetivos: “lugares e objetos enquanto sinais topográficos tornam-se vasos recipientes de uma história da percepção, da sensibilidade, da formação das emoções” (p.335-336).

Nesse aspecto, a topografia das cidades e as lembranças individuais podem ser concebidas como mapas de pensamento. As narrativas constituiriam “sítios arqueológicos” ricos para a captura dessas camadas de experiência. Portanto, problematizar sobre a existência de uma batalha entre passados é reconhecer o caráter conflituoso da memória na construção de narrativas que tentam deslocar ou

suplantar umas às outras. Essas narrativas criam campos de memórias que não apenas se ligam ou se superpõem, mas que se constituem e geram palimpsestos. Seguindo esse entendimento, convém admitir que “todas essas histórias muito diferentes precisam ser levantadas, documentadas e reconhecidas em suas contingências e especificidades” (HUYSEN, 2014, p.184).

Dessa forma, assim como os museus e a Literatura, o Turismo pode contribuir para a instituição de “espaços de ficção” por meio de uma memória topográfica, criando mapas de pensamento a partir da instituição de roteiros, deslocamentos e pontos de referência. Essa aproximação se torna mais evidente no caso do turismo literário, definido por Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro (2017) como “um nicho do turismo cultural que tem a especificidade de implicar a deslocação a lugares relacionados com a literatura” (p.34-35). Para tanto, as autoras destacam uma questão relevante: “o turismo literário ser uma prática que se registra quando numa deslocação se verifica uma inversão da primazia da viagem sobre o texto, ou seja, quando a literatura é o pano de fundo da viagem” (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.35).

Na verdade, independentemente da definição de turismo literário que possamos utilizar, a literatura surge sempre como o fator que impulsiona a viagem, como um ‘guia para roteiros turísticos, na medida em que oferece um mapeamento de espaços e bens simbólicos, trazidos à cena através de patrimônios (material e imaterial) que configuram o perfil identitário de um lugar a ser visitado’ (Simões, 2004). O turismo literário é um novo turismo cultural que entrelaça a ficção no mundo real (Magadán Díaz & Rivas García, 2012: 177), fundando-se, portanto, nesta interseção entre a realidade (espaço físico, biografia do autor), a ficção e, acrescentamos, a imaginação do leitor. Como tal, a visita aos locais onde se dá esse encontro permite aos leitores interagirem com os autores e/ou personagens que admiram, ver ou tocar os seus objetos, a mobília onde escreviam ou a cama onde dormiam (Busby & Klug, 2001: 316-332). Ao viajar de facto, e não apenas nas páginas dos livros, o leitor faz-se turista, viajante ou peregrino, torna concretos os lugares que até então eram apenas uma imagem gerada pela literatura na sua imaginação. [...] Podemos afirmar que a expressão turismo literário designa um tipo de turismo associado aos lugares que ficaram celebrizados pelas descrições literárias ou pelas suas ligações às personagens dos textos literários, mas também, seguindo a visão mais abrangente da professora de literatura inglesa Nicola Watson (2009: 2), podemos referi-lo como um tipo de turismo que consiste na prática de visitar lugares associados a escritores e aos seus textos (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.36).

Nessa chave de interpretação é possível compreender os museus literários em suas múltiplas formas (museus em homenagem a um determinado gênero literário ou língua, museus-casas celebrativos de um autor ou personagem, museus de território construídos a partir de uma obra etc.) como um dos lugares motivadores do turismo literário. Isso é relevante quando observarmos o conceito de patrimônio literário que, de acordo com Francesca R. Uccella (2013), é o conjunto de elementos materiais e

imateriais relativo à escrita e a literatura, construído a partir da produção literária e do legado de escritores e instituições relacionados com a literatura. O patrimônio literário é composto por bens materiais (edifícios, manuscritos e objetos) e imateriais (memórias que decorrem da escrita, da narração e do pensamento de um autor) que constituem heranças compartilhadas e salvaguardadas por processos de patrimonialização. Isso é relevante quando observarmos que “há lugares literários que são patrimônio e outros que, não o sendo à partida, se transformam em tal por via da associação ao literário” (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 34).

Para Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro (2017), o conceito de lugar desempenha um papel particularmente importante no turismo literário e, neste texto, o aproximamos do conceito de “espírito do lugar” (VIEL, 2003; CASSOLA, 2016) que expressa as singularidades instituídas na relação das práticas culturais com o sítio em que são construídas, os atravessamentos simbólicos e as operações tangíveis e intangíveis que o singularizam:

O ‘espírito do lugar’ consiste no conjunto de bens materiais (sítios, paisagens, edificações, objetos) e imateriais (memórias, depoimentos orais, documentos escritos, rituais, festivais, ofícios, técnicas, valores, odores), físicos e espirituais, que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar, de tal modo que o espírito constrói o lugar e, ao mesmo tempo, o lugar constrói e estrutura o espírito (ICOMOS. Declaração de Québec, 2008).

O “espírito do lugar”, também referido por alguns pesquisadores como “alma do lugar” (YÁZIGI, 2001), contribui para a compreensão das interfaces entre Literatura, Turismo e museus especialmente quando observadas pela lente do lugar literário (HERBERT, 2001). Nesse entendimento, é como se o literário transbordasse para um determinado sítio, singularizado como lugar representado em textos literários ou diretamente associado a um autor, a exemplo de residências, sepulturas, locais de trabalho, locais de inspiração, museus-casas, cenários de livros, referências na paisagem a personagens e a escritores, parques literários, bairros literários, bibliotecas e livrarias de interesse literário, museus e exposições literárias (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017).

Verifica-se, portanto, uma sobreposição do espaço/mapa-literário sobre o mapa físico (viabilizada pela sinalização de lugares literários), sendo que é sobre este novo mapa que o leitor-turista se desloca, procurando encontrar as personagens do livro que leu e admira, o cenário da narrativa de que gostou, o cenário que terá inspirado o autor a escrever o livro ou, tão-somente, encontrar o autor (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.54).

A literariedade que transborda para além dos textos pode ser fruto dos museus literários e do turismo literário, ao mesclar obra, autoria e referências literárias no delineamento de lugares literários: “uma menção a um lugar no tecido textual, ou no percurso biográfico do autor, que ao ser ‘arrastada’ para a paisagem física permite a

criação de um lugar literário' (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.53), se manifestando de distintas formas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa configurou-se como exploratória e foi resultado de análise bibliográfica e documental. Nesse aspecto, dialogamos com o objetivo das pesquisas exploratórias em geral, ao “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 27). Para a revisão bibliográfica identificamos trabalhos que evocavam os conceitos de lugar literário, turismo literário e museus literários, além da fortuna crítica sobre a trajetória e a obra de Cora Coralina. A análise documental privilegiou a seleção de documentos do acervo pessoal de Cora Coralina, sob a guarda do Museu-Casa de Cora Coralina, mobilizados anteriormente por ocasião da elaboração da fotobiografia *Cora Coralina: raízes de Aninha* (BRITTO; SEDA, 2009) e documentos sobre o Caminho de Cora Coralina, reunidos no *site* institucional do projeto.

O estudo de caso consistiu no procedimento selecionado para a identificação e seleção dos lugares literários construídos nas interfaces entre museu, turismo e a poética de Cora Coralina. De acordo com Antônio Carlos Gil (2008), o estudo de caso se caracteriza pelo “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” e permite “a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno” (p.57-58). Perspectiva que tem apresentado contributos no âmbito dos estudos do Turismo e que tem sido aplicada no campo dos museus e da Museologia:

O método do estudo de caso, na pesquisa em turismo, abrange vectores descritivos, explicativos e exploratórios, na medida em que pretende responder a questões de partida que se preocupam com a evolução de um fenómeno turístico no seu contexto. Trata-se, de facto, de uma metodologia em que o investigador observa, questiona e estuda o objecto de análise em profundidade. Permitirá, portanto, uma melhor compreensão do caso específico que irá ser abordado, o que fará com que o investigador obtenha um conhecimento científico, técnico e prático da realidade em causa. No campo do turismo, os estudos de caso têm sido usados para tratar de uma multiplicidade de temas e questões. No turismo quase tudo pode ser um caso: um grupo de turistas, uma tipologia de turistas, uma comunidade, uma organização turística, etc. O objectivo principal é que o investigador procure compreender a dinâmica de um determinado fenómeno a partir da sua singularidade. Por outro lado, os estudos de caso têm contribuído para o estado teórico e metodológico da arte da investigação. Numa investigação em turismo, este método desempenha um papel relevante na criação de

novos conhecimentos, na produção de hipóteses ou proposições e permite, ainda, testar teorias existentes (MARUJO, 2016, p.124).

Para a condução da investigação sobre lugares literários selecionamos como estudos de caso o Museu-Casa de Cora Coralina, o túmulo e a estátua da escritora, além da rota Caminho de Cora Coralina. O intuito foi perceber as reverberações do museu-casa na constituição desses lugares, tornando-se um metalugar literário e metonímia de algumas práticas que interseccionam museus, turismo e vida literária. Nesse aspecto foram realizadas visitas a esses lugares, incluindo a parte final do Caminho de Cora Coralina no Município de Goiás, entre os trechos 12 e 13, que ligam os distritos de Calcilândia, o povoado do Ferreiro e a cidade de Goiás. O intuito foi identificar possíveis problemáticas para, posteriormente, no momento em que a pandemia da Covid-19 estiver controlada, realizar entrevistas com turistas e gestores sobre as principais motivações de deslocamento e as relações com os lugares literários investigados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Museu-Casa de Cora Coralina: a fabricação de um lugar (meta) literário

Os museus-casas de literatura consistem em um importante exemplo da construção dos lugares literários, contribuindo para que a literatura ou aspectos biográficos do autor ou autora sejam “arrastados” para a paisagem física, ocorrendo um transbordamento do literário. Nesse aspecto, a casa musealizada consiste em um imóvel que passou pelo processo de musealização, compreendido como o “acompanhamento, através de procedimentos (ação/intervenção) sobre os objetos deslocados de determinado contexto de uso para o contexto museológico atribuindo outro uso e, ao mesmo tempo, inserindo-o social e culturalmente na condição de objeto ‘de museu’” (CERÁVOLO, 2015, p.63). O museu-casa consiste em um espaço que, para além das diferentes tipologias relacionadas à informações históricas, artísticas, arquitetônicas e sociais (museus-casas de personalidades, de colecionadores, de beleza, de eventos históricos, da sociedade local, ancestrais etc.), é fruto da relação entre o edifício, a coleção e o proprietário/proprietária – anfitrião/anfitriã do espaço (PUIG, 2011). Portanto, consiste em uma tipologia museológica que, ao visibilizar o arranjo espacial projetado por um anfitrião/anfitriã em um imóvel específico, estabelece um trânsito entre as dimensões pública e privada. Por essa razão, a casa também consiste em peça fundamental do acervo:

As casas museus a rigor, são casas que saíram da esfera privada e entraram na esfera pública, deixaram de abrigar pessoas, mas não deixaram de abrigar objetos, muitos dos quais foram sensibilizados pelos antigos moradores da casa. As casas museus e os seus objetos servem para evocar nos visitantes lembranças de seus antigos habitantes, de seus hábitos, sonhos, alegrias, tristezas, lutas, derrotas e vitórias; mas servem também para evocar lembranças das casas que o visitante habitou e que hoje o habitam. [...] Não há dúvida de que a casa museu encena uma dramaturgia de memória toda

especial, capaz de emocionar, de quebrar certas barreiras racionais, de provocar imaginações, sonhos e encantamentos. Por isso mesmo, é preciso perder a ingenuidade em relação às casas museus, elas fazem parte de projetos políticos sustentados em determinadas perspectivas poéticas, elas também manipulam os objetos, as cores, os textos, os sons, as luzes, os espaços e criam narrativas de memória com um acento lírico tão extraordinário que até os heróis épicos, os guerreiros valentes e arrogantes, e os homens cruéis e perversos são apresentados em sua face mais cândida e humana, afinal eles estão em casa, e ali eles precisam dormir em paz, receber visitas, comer e atender a outras necessidades físicas. As casas museus, assim como os documentos, os signos e todos os outros museus podem ser utilizados para dizer verdade e para dizer mentiras. O que fazer? Fugir das casas museus como quem foge de casas mal assombradas? Haverá um outro caminho? Talvez seja possível exercitar uma nova imaginação museal que, abrindo mão da ingenuidade, valorize a perspectiva crítica, sem abrir mão da poética, e busque conectar a casa museu com as questões da atualidade, com os desafios do mundo contemporâneo (CHAGAS, 2013, p.302-303).

Nos museus-casas de literatura, além da relação existente entre o agente – anfitrião do espaço – e a casa, existe uma confluência também com sua obra, convertendo o imóvel em um lugar literário. Conforme destacou Clovis Carvalho Britto (2016), “a poética do espaço é potencializada pela poética contida na literatura do homenageado, legado este que muitas vezes foi produzido no local da casa-museu ou que a ele se refere” (p.40). Nesse aspecto, conclui que uma das singularidades dos museus-casas de literatura consiste “na fusão entre as dimensões biográfica e literária, mesclando nas exposições trechos de obras relativos aos espaços e objetos musealizados, manuscritos, máquina de escrever, prêmios relacionados à vida literária e a biblioteca pessoal” (BRITTO, 2016, p.40).

Existem diversas estratégias de musealização da literatura, assim como distintos modos de promover a extroversão no caso dos museus-casas de literatura. No Brasil, desde a criação da Casa de Rui Barbosa, em 1928, muitos museus se configuraram segundo essa tipologia (VALLE; BRITTO, 2021). Aqui interessa-nos a visualização de como os museus-casas contribuem para o delineamento de lugares literários e podem contribuir para o estabelecimento do turismo literário, tendo como estudo de caso a experiência do Museu-Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás, antiga capital de Goiás.

No caso de Cora Coralina, embora neste artigo o intuito não seja aprofundar em seus aspectos biográficos (BRITTO; SEDA, 2009), é importante destacar que a escritora goiana conseguiu transformar ainda em vida a sua casa natal em um lugar literário, seja por elegê-la como um dos principais personagens de sua obra, seja por nela receber turistas que buscavam adquirir livros e ouvir a escritora declamar suas poesias.

Além de sua importância histórica, consistindo em testemunha do ciclo do ouro, o edifício construído na margem direita do Rio Vermelho é conhecido internacionalmente por ter sido residência de Cora Coralina e pode ser visualizado como um das principais personagens de sua obra. Solange Yokozawa (2009)

reconheceu que a memória em Cora Coralina é espacializada e que, juntamente com os becos, a Casa Velha da Ponte, forma poética com que a escritora designava sua residência, consiste em espaço memorial por excelência de sua poética: “casa natal, que guarda a infância, é mais que uma construção feita de taipa e telha, é uma casa-lembrança, que sempre habitou a escritora, mesmo em sua longa ausência. [...] Reconstruída com palavras quando convertida em espaço de memória poética” (YOKOZAWA, 2009, p.204). Em leitura similar, Andrea Delgado (2003) destacou a amálgama instituída entre a poeta e a casa, constituindo em um dos principais mecanismos no processo de monumentalização de Cora Coralina, visto que a escritora teria convertido sua residência em templo da memória autobiográfica familiar e coletiva. Do mesmo modo, evidencia a “batalha das memórias” que mobilizou a poeta e sua casa-natal no processo de invenção de Goiás como cidade patrimônio. Neste contexto, demonstra a importância de suas composições poéticas compreendidas como a “arte de topografar, porque configuram um inventário minucioso de lugares e objetos como forma de recriar o passado, compondo temporalidades para revisitar percepções, sensibilidades e emoções associadas às vivências especializadas” (DELGADO, 2003, p.137).

Nesses termos, a amálgama produzida entre vida e obra e entre a casa e a literatura contribuiu para a configuração do imóvel em lugar literário a partir de uma dupla operação: como personagem de seus escritos e como espaço de criação poética.

Essa sobreposição poética também estimulou o delineamento de um turismo literário, ainda na década de 1950, estimulado pelas ações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), pela construção de Brasília e pela Empresa de Turismo do Estado de Goiás (Goiastur), o que teria contribuído para a instituição de Goiás como “cidade histórica” (DELGADO, 2003). Fator que pode ser visualizado em matérias de jornal, que inseriam a escritora e sua casa no roteiro turístico da cidade:

Uma visita a Goiás, a antiga capital do Estado, não se completa sem que se vá conhecer Cora Coralina. Ela mesma é quem o diz: ‘Já pertencço ao patrimônio da cidade’. Conhecê-la, porém, não é apenas ir vê-la: ‘Você veio aqui conhecer Cora Coralina’, diz ela a uma visitante, ‘não veio olhá-la na cara não. Conhecê-la é conhecer o seu espírito, é levar consigo, ao sair, o seu íntimo, a sua mensagem de otimismo, de juventude, de poesia’. A sala está sempre cheia: gente sai, gente entra. De tudo quanto é lugar: SP, RJ, DF, GO, são as iniciais que exibem as chapas de carros estacionados por perto. Há os que querem comprar seus doces e livros e os que só desejam ouvi-la dizer seus poemas. E ela vai dizendo a propósito de qualquer coisa de que esteja fazendo (RAMOS, 1971, p.1).

É possível compreender as transformações do turismo na cidade de Goiás tendo a Casa Velha da Ponte e a trajetória de Cora Coralina como metonímia e metáfora desse processo. Esses indícios podem ser visualizados na obra da escritora quando oscila entre uma visão otimista do turismo e uma leitura que denuncia as dificuldades dos seus conterrâneos e conterrâneas em lidar com as mudanças provocadas, em especial com a falta de privacidade em suas casas:

[...] Uma nova esperança acena no horizonte.
Com a expansão de Goiânia e com a possibilidade da mudança da Capital Federal para o planalto, Goiás será, sem dúvida, um centro de turismo, dos mais interessantes do país (CORALINA, 2003, p.108-109).

[...] A cidade de Goiás, sendo um conjunto social tradicionalista e fechado, não entendeu nem justificou o turista. Acostumada a receber visitas, dispensar atenções e cortesia aos que chegam, não o entende e se surpreende, com esse tipo novo e suas atitudes desatentas, longe do padrão aceito e requerido. [...] Descontraído, displicente, impessoal, chiclete. Entra porque a casa está aberta, costume de Goiás. [...] O turista vai entrando como em terra de ninguém. Indiferente a uns tantos princípios. Ab-rogou de normas sociais corriqueiras. É um passante, anônimo, genericamente turista. [...] No entanto, confessamos que há de permeio um turismo inteligente, polido e muito agradável de receber e que deixa e leva as melhores impressões. Nenhuma censura nesta análise. Tempos novos, gente nova (CORALINA, 2007, p.170-172).

O fato é que Cora Coralina foi monumentalizada juntamente com sua casa e com sua cidade natal, o que contribuiu para que, no mesmo ano de sua morte, seus herdeiros vendessem o imóvel para o Município de Goiás que o doou para a Associação Casa de Cora Coralina, fundada em 28 de setembro de 1985. A instituição é responsável pela criação e gestão do Museu-Casa de Cora Coralina (Figura 1), inaugurado no dia 20 de agosto de 1989, data do centenário da escritora (BRITTO, 2018).

Figura 1 – Museu-Casa de Cora Coralina



Fonte: Clovis Carvalho Britto (2022)

Desde sua inauguração, o Museu-Casa de Cora Coralina se tornou um espaço de forte atração turística, se aproximando da leitura de Eneida Cunha (2003) quando reconheceu a Casa de Jorge Amado como um texto autobiográfico que impõe sua própria narrativa, aberta à leitura, mas resistente a interpretações que possam desvirtuar, rasurar ou alterar a imagem instituída do escritor, especialmente à instituição de biografias alternativas: “detém a prerrogativa de uma ‘atividade’, que se faz em prol da divulgação, autorizada, de uma determinada imagem do escritor e de uma determinada vertente de leitura de sua obra” (CUNHA, 2003, p.127). Nesse contexto, é importante observamos como a musealização da casa natal da escritora contribuiu para uma maior repercussão da cidade, de sua vida e obra, conferindo maior visibilidade e legitimidade ao espaço como um de seus principais lugares literários:

Os museus-casas de literatura reverberariam uma narrativa do desassossego na medida em que visibilizariam uma metanarrativa por meio das coisas e dos espaços: empreenderiam a fabricação de um espaço de ficção (casa musealizada) que, por sua vez, se ampara, muitas vezes, na literatura do autor (narrativa de uma narrativa). Nesse aspecto, um poema sobre um determinado espaço inserido como recurso expográfico para a musealização ou um conjunto de objetos que representaria a escrivania de um literato borram as fronteiras entre as linguagens verbal e não-verbal [...]. Isso assume outras dimensões com o uso das novas tecnologias nas exposições dos museus-casa, com a declamação de poemas e crônicas e/ou a projeção dos mesmos nas paredes e nos objetos, transformando a própria casa em suporte. Talvez, por essa razão, tem crescido o número de museus-casas de literatura e de exposições literárias que tensionam os limites entre o espaço literário e o espaço museológico, ou, em outras palavras, fundem as narrativas na construção de um novo “espaço ficcional”. [...] A explosão metapoética instaurada pela musealização de objetos e das residências dos escritores contribui para a produção da crença nos autores e em suas obras. Reciprocamente, o leitor é motivado a conhecer o espaço musealizado em virtude do renome do autor e, do mesmo modo, o museu-casa, ao efetuar a fusão entre vida, obra e cultura material, incentiva a leitura da obra (BRITTO, 2019, p.63-64).

É essa característica metanarrativa que reforça o reconhecimento do museu-casa de literatura como um lugar literário. No caso de Cora Coralina esse lugar é constantemente redefinido a partir de um conjunto de atravessamentos que tem a casa como metonímia da obra: a casa como um personagem e espaço onde a autora escreveu seus livros; a casa como um patrimônio literário; a casa musealizada, tornando-se um forte atrativo para a cidade, a região, o conhecimento da vida e da literatura. Desse modo, é importante compreender o Museu-Casa de Cora Coralina como um dos pontos mobilizadores de um turismo literário em Goiás, ao sobrepor duas experiências: a visitação ao lugar da autora e ao lugar da obra. Além disso, é significativo problematizar em que medida a literatura estimulou a musealização que,

por sua vez, aciona o turismo literário e, ambos, contribuem para a construção de um outro espaço ficcional mediado pelo turista-leitor e pela turista-leitora:

Podemos, pois, concluir que os lugares literários ganham significado na fusão do plano ficcional com o plano geográfico concreto, sendo percebidos e construídos naqueles fragmentos de território onde essa interseção é mais nítida. Este rompimento das fronteiras entre dois universos, à partida distantes, tem inclusivamente o efeito de alterar a aura ficcional da obra literária, já que o turista-leitor pode ver e sentir o autor, as personagens e os cenários dos enredos dos livros. Trata-se de uma experiência que dá origem a novas interpretações quer do espaço encenado, em particular, quer do texto literário, em geral, pois se é verdade que a leitura de um texto tem a capacidade de ressignificar um lugar e de gerar lugares novos, é também verdade que a visita a esses lugares tem a capacidade de atuar na mente do leitor-turista e na leitura que ele fez do texto, alterando-a e completando-a. Referimo-nos, portanto, a um processo recíproco (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p.56).

A musealização da casa de Cora Coralina consistiu em mais uma camada no processo de transformação do imóvel em lugar literário, incluindo não apenas a casa, o quintal, o mobiliário e os objetos pessoais. Na verdade, a poesia de Cora ao ser musealizada no espaço de inspiração, escrita e ficção, contribuiu para a criação do museu como um outro espaço ficcional que constrói, em sua narrativa, pontes com outros personagens e espaços da cidade que foram poetizados. Isso é potencializado pelo turismo literário que, a partir do contato prévio com a vida e obra da escritora, extrapola a visitação do museu-casa, transbordando o entendimento de lugar literário para outros espaços que foram poetizados por Cora Coralina ou que dizem respeito à sua trajetória.

4.2 O túmulo e a estátua de Cora Coralina como lugares literários

Na configuração dos lugares literários na cidade de Goiás, o Museu-Casa de Cora Coralina ocupa a centralidade. Embora existam na cidade lugares relacionados a diversos outros escritores e escritoras, é inegável o protagonismo de Cora Coralina e de sua casa musealizada. Todavia é importante destacar que a casa musealizada consiste em um “espaço de ficção” distinto da casa ficcionalizada, embora na musealização esses contornos sejam muitas vezes borrados, especialmente pela presença da obra poética nos espaços do museu. Portanto, consistem em dois lugares literários que, em algum momento, se confluem: “a casa que aparece na literatura é mais que essa casa material que o visitante pode penetrar, é mais que a casa que a poetisa habitou, [...] é uma casa lembrança-sonho” (YOKOZAWA, 2009, p.204). Nessa interpretação, o museu-casa também extrapola a casa material, consiste em um texto, aberto à distintas leituras, que transformou-se em um arranjo, uma escolha intencional resultante de um empreendimento coletivo, o que implica levarmos em consideração as seleções e triagens também realizadas por familiares, colaboradores e pela instituição que guarda o acervo.

A força dessas imagens decorre provavelmente do mito construído pela autora (PESQUERO-RAMON, 2003) que criou uma personagem escritora que se confundia com a sua biografia e, conforme as razões apresentadas anteriormente, especialmente em virtude de transformar a própria casa e os becos de Goiás em personagens de seus livros. Nesse aspecto, não apenas o museu-casa, mas diversos pontos da cidade constituem em lugares literários por serem não somente locais de inspiração, mas por respaldarem uma memória topográfica estruturante de sua obra.

Solange Yokozawa (2009) explicita a centralidade da memória sobre os becos de Goiás na poética de Cora Coralina. Para a pesquisadora, se o espaço é responsável por comprimir o tempo, os becos comporiam o reduto da memória grupal eleito pela autora que, ao reabilitar a margem, instituiu uma poética dos becos. Em leitura similar, Goiandira Ortiz de Camargo (2009) considera os becos como espaços do intermédio na poesia de Cora Coralina:

O beco enfeixa significados de transgressão e como espaço também da marginalidade, com um imaginário próprio, quebra o antagonismo entre a casa e a rua, constituindo-se uma espécie de respiradouro da cidade, onde flui o interdito, deposita-se o lixo e ainda serve de passagem para as mulheres de bem transitarem, à luz do dia, de uma casa para outra através do fundo de quintal, sem serem vistas. [...] O beco, então, tem função na vida social da cidade, com uma lógica tácita para a sua ocupação: à noite é lugar de prostitutas em suas atividades, do mal feito, do errado da terra, como escreve a poetisa; durante o dia, é passagem entre os fundos das casas, com trânsito na surdina das mulheres de família. Com essa divisão, o beco mantém a ordem social, com os papéis de cada um que o usa sendo salvaguardados. Porém, o beco põe à vista dos espaços da casa e da rua uma ambiguidade, pois se situa nem em um, nem outra, está de permeio. O beco, assim, mantém um status velado (CAMARGO, 2009, p.96).

Seguindo essa interpretação é possível reconhecer os becos e a memória de seus personagens como instâncias significativas na construção do mapa literário de Cora Coralina. Os becos e a Casa Velha da Ponte consistem em espaços privilegiados que consistem em lugares literários, eleitos pela autora, cuja obra também pode ser lida como uma espécie de roteiro poético, sem a intencionalidade apresentada em *Lisboa: O que o turista deve ver* (1925), de Fernando Pessoa; no *Guia de Ouro Preto* (1938), de Manuel Bandeira; e *Banhos de caldas e águas minerais* (1875) e *As praias de Portugal: o guia do banhista e do viajante* (1876), de Ramalho Ortigão; e em *Viagem a Portugal* (1997), de José Saramago.

O fato é que para além de Goiás ser reconhecida por antonomásia como a cidade de Cora Coralina, conforme monumento inserido em uma das entradas da cidade em virtude da explícita relação de sua poesia com a sua urbe natal, duas localidades têm se destacado como lugares literários, consistindo, ao lado do museu-casa, em espaços que integram o mapa do turismo literário: seu túmulo no Cemitério São Miguel e sua estátua inserida na Ponte da Lapa.

Entre 1973 e 1974, Cora escreveu o seu epitáfio e solicitou a confecção de sua pedra tumular, em mármore, com a gravação do poema (BRITTO; SEDA, 2009). Durante anos, a pedra ficou guardada na Casa Velha da Ponte e, o poema, intitulado “Meu epitáfio”, foi publicado em 1976, na primeira edição de *Meu livro de cordel*:

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitai de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos (CORALINA, 2001, p.106).

Cora Coralina faleceu em 10 de abril de 1985, com 95 anos. A lápide com o epitáfio foi colocada em seu túmulo no Cemitério São Miguel, em Goiás (Figura 2) se transformando em um discurso de “encenação de imortalidade” (EL FAR, 2000), assim como sua obra e, posteriormente, o museu-casa em sua homenagem, mobilizando protocolos que se retroalimentam. Consistem, assim, em repertórios que instauram uma “explosão épica” em torno de determinados enredos, visando a fabricação da imortalidade, integrando o nome de uma pessoa ao patrimônio de uma nação ou região, tornando-se homem ou mulher-monumento (ABREU, 1994).

Figura 2 – Túmulo de Cora Coralina



Fonte: Clovis Carvalho Britto (2022)

O túmulo se tornou em um dos espaços de visitação turística na cidade de Goiás. Muitos visitantes do Museu-Casa de Cora Coralina se deslocam para o cemitério com o intuito de conhecer o túmulo de Cora Coralina, visitação potencializada nas efemérides de nascimento (20 de agosto) e de morte (10 de abril) da escritora em que são realizadas declamações de poesias, visitação de estudantes e outras homenagens no cemitério local, confirmando a afirmação de que os túmulos dos escritores e escritoras consistem em elementos que estimulam a criação de lugares literários (UCCELLA, 2013).

Na ocasião da inauguração do museu-casa, em 20 de agosto de 1989, também foi inaugurado um busto da escritora ao lado da Ponte da Lapa. Todavia, a maior repercussão entre os turistas e moradores da cidade decorreu da inauguração de uma escultura de bronze da poeta, em tamanho natural, na Ponte da Lapa, em frente ao museu-casa em 2020. A escultura (Figura 3) foi elaborada pelo artista Cleider José de Souza à pedido da Prefeitura Municipal de Goiás e representa Cora Coralina idosa segurando o livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. A escolha da obra é significativa, especialmente por conter um dos versos mais conhecidos da autora em que afirma ser a menina feia da Ponte da Lapa.

Figura 3 – Estátua de Cora Coralina



Fonte: Clovis Carvalho Britto (2022)

A estátua de Cora Coralina foi inaugurada em dezembro de 2020, em meio a pandemia da Covid-19. Em virtude da grande quantidade de moradores e turistas que diariamente abraçavam o monumento para fotografá-lo, por medidas sanitárias a escultura ficou alguns meses enfaixada para evitar aglomerações e a transmissão do vírus. Em 2021 a escultura voltou a compor a paisagem da Ponte da Lapa e do próprio museu-casa, que também permaneceu fechado em 2020 devido à pandemia, consistindo em um dos principais espaços de visita da cidade. No caso da estátua, ela integra a encenação da imortalidade mobilizada pelo museu-casa, dando a impressão de que a moradora retornará para sua residência a qualquer momento.

O túmulo e a estátua de Cora Coralina consistem em alguns dos espaços de visita estimulados pelo turismo literário em Goiás, visto que muitos turistas se deparam com esses marcos em virtude do deslocamento motivado pelo encontro com o museu-casa da escritora. Desse modo, é possível supor que o museu contribui para a visibilidade e/ou articulação de novos lugares literários. Não é sem motivos que em ambos os lugares a presença/ausência de Cora Coralina é evocada, mediada pelo poema e pelo livro de poemas e, ao mesmo tempo, contribuem para a construção de rotas ou geografias literárias, reforçando o argumento de que cemitérios e monumentos podem propiciar uma conexão profunda entre autor e leitor, em razão de seu caráter ritual e sentimental (UCCELLA, 2013).

4.3 O Caminho de Cora Coralina e a costura dos lugares

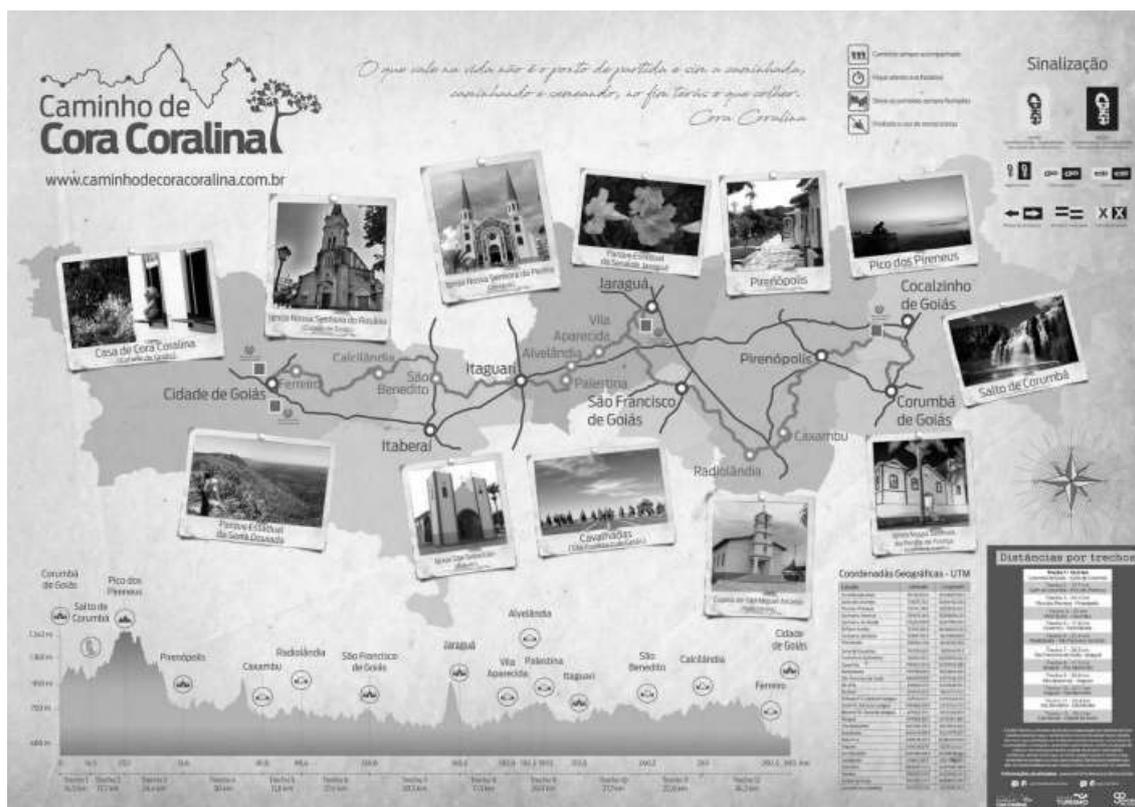
Se na cidade de Goiás é possível visualizar um conjunto de lugares que integra o turismo em torno do nome de Cora Coralina, esse turismo é expandido para outros municípios a partir de uma costura de lugares: o Caminho de Cora Coralina. O caminho se aproxima, ou consiste em uma tentativa, do que Francesca Uccella (2013) definiu como uma rota literária, ou seja, um roteiro construído a partir da articulação entre literatura e território:

[...] un itinerario diseñado uniendo diferentes puntos, correspondientes a otros tantos lugares literarios; em función de su longitud se puede parecer más a un paseo o a un viaje, de longitud e intensidad variable. [...] En la base de las rutas literarias está la idea del viaje. El recorrido organizado a partir de una obra literaria en muchos casos es entendido por la persona que lo idea y diseña como una experiencia de viaje, ocasión para descubrir nuevos lugares y motivo de aprendizaje, que se realiza en un tiempo inusual, más relajante y relajado. El visitante que participa en una ruta literaria descubre los espacios a través de las palabras de uno o más autores, percibe sus sensaciones descubriendo nuevos lugares o mirando el entorno que ya conoce de una manera (UCCELLA, 2013, p.69-73).

O Caminho de Cora Coralina pode ser visualizado como uma proposta de rota literária que interliga diferentes pontos. Idealizado em 2013 e implementado em 2017 pela Agência Estadual de Turismo, consiste em uma trilha de 300 quilômetros que atravessa as cidades goianas de Corumbá de Goiás, Cocalzinho de Goiás, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Jaraguá, Itaguari, Itaberaí e cidade de Goiás (Figura 4). Em

2019 foi criada a Associação Caminho de Cora Coralina, sociedade civil de natureza privada e sem fins lucrativos, que congrega a Rede de Colaboradores do Caminho de Cora Coralina, ano em que também foi lançado o passaporte do peregrino, documento que recebe um carimbo ao longo de pontos predeterminados no percurso que, ao completar a rota literária, dá direito a um certificado ao turista. Para a obtenção do passaporte é cobrada uma taxa que é destinada a Associação Caminho de Cora Coralina e ao Museu-Casa de Cora Coralina¹.

Figura 4 – Mapa do Caminho de Cora Coralina



Fonte: Site do Caminho de Cora Coralina (2022)

Apesar de Cora Coralina nunca ter realizado o percurso, de algumas das cidades que o integram não se relacionarem diretamente com sua vida e obra e dos poemas inseridos ao longo da rota não dialogarem com os espaços, a escolha por batizar o caminho com seu nome indica o desejo de construção de uma rota literária e da consolidação de mais lugares literários por meio de uma costura de lugares. Não é sem motivos que o último trecho do caminho é a cidade de Goiás, destacando o Museu-Casa de Cora Coralina como ponto final. O caminho, que pode ser realizado a pé ou de bicicleta, contribui para instituir uma espécie de peregrinação que, de algum modo, é mediada pela poesia de Cora Coralina. O roteiro possui sinalização própria e em vários pontos existem placas com informações sobre o itinerário onde também são apresentados versos da homenageada (Figura 5).

¹ Informações detalhadas sobre o Caminho de Cora Coralina disponíveis em: <https://caminhodecoracoralina.com.br/>

Figura 5 – Marco no Caminho de Cora Coralina



Fonte: Clovis Carvalho Britto (2022)

Maria Geralda de Almeida (2020), ao analisar as características do Caminho de Cora Coralina, destaca dificuldades em considerá-lo como mobilizador do turismo literário, especialmente em razão do uso descontextualizado do universo literário, o que, segundo a pesquisadora, abriria brechas para o turismo associado aos esportes e a natureza, contribuindo para a difusão da vida e obra da escritora de forma enviesada. Por essa razão, coloca em xeque se o caminho propicia o turismo literário ou é apenas um *marketing* do turismo:

Concluimos que houve, pela Segplan, uma intenção de assegurar o sucesso do Caminho respaldando o mesmo em uma marca já conhecida, confiável e com apelo emocional. Todavia, o Caminho anunciado como uma via para o ciclismo e andantes tem atraído aquela parcela de turistas que aprecia a natureza. Não houve interesse por parte dos planejadores e criadores do Caminho, em valorizar o turismo literário com a Cora Coralina a despeito de usar

seu nome para nomear o Caminho. Além disso, seu uso descontextualizado do universo literário abre brechas para fortalecer seu nome em práticas de turismo associado aos esportes e a natureza (ALMEIDA, 2020, p.246).

Apesar de concordarmos que o caminho apresenta o uso descontextualizado do universo literário da autora, tendo placas com poemas escolhidos e distribuídos aleatoriamente e não promovendo uma nítida interseção entre a literatura e os fragmentos de território selecionados, é provável que a motivação de alguns turistas seja o conhecimento da vida e obra de Cora Coralina. Portanto, sem conhecer as motivações individuais não é possível *a priori* desvinculá-lo do turismo literário. Além disso, o Caminho de Cora Coralina, se não consegue efetuar uma rota a partir da costura de lugares literários, ao eleger o Museu-Casa de Cora Coralina como destino final contribui para evidenciar o museu como lugar literário e para reforçar a crença no nome de Cora Coralina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou as ricas possibilidades do conceito de lugar literário para a análise de diferentes processos de musealização e turistificação que possuem a literatura e a vida literária como protagonistas. As articulações entre literatura, trajetória intelectual e território contribuem para a compreensão dos protocolos empreendidos pelo campo da Museologia e do Turismo na busca de fabricar lugares significativos para a extroversão de diferentes memórias.

Neste aspecto, os diferentes lugares literários que evocam a trajetória e a obra de Cora Coralina na cidade de Goiás consistiram em estudos de caso significativos que podem inspirar processos similares e investigações em outras localidades. Ao explicitar os repertórios acionados pelo Museu-Casa de Cora Coralina, pelo túmulo da escritora, pela estátua de bronze inserida em frente ao museu e pela rota turística Caminho de Cora Coralina, o artigo explicitou as singularidades dos diferentes lugares literários, os mecanismos de “encenação da imortalidade”, a produção de determinadas narrativas e algumas estratégias de combate à versões concorrentes que possam desestabilizar as memórias em torno do legado da escritora goiana.

Do mesmo modo, o trabalho evidenciou a centralidade do museu-casa como acionador do turismo literário, constituindo um lugar metaliterário ao promover a costura de lugares. Em virtude da pandemia da Covid-19 não foi possível realizar entrevistas com os turistas e gestores do campo do turismo em Goiás, sendo necessário pesquisas futuras visando compreender as motivações para o deslocamento e as diferentes ressonâncias do turismo literário, identificando, por exemplo, lugares literários não convencionais, rotas alternativas e articulações com outras experiências de turismo e de musealização da literatura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 9, n.24, p.66-84, fev. 1994.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Caminho de Cora Coralina – turismo literário ou marketing do turismo? **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v.9, n.1, p.237-249, 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 1994.

BRITTO, Clovis Carvalho. “Entre o que desejo ser e os outros me fizeram”: textualidades literárias e cultura material na Casa Fernando Pessoa, Lisboa, Portugal. **Política & Trabalho**: Revista de Ciências Sociais, João Pessoa, n.51, p.57-72, 2019.

BRITTO, Clovis Carvalho. **Gramática expositiva das coisas**: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita. Salvador: EDUFBA, 2018.

BRITTO, Clovis Carvalho. “Eles passarão... Eu passarinho!”: a literatura nos museus-casas e a monumentalização de Mário Quintana. **Musas**: Revista Brasileira de Museus e de Museologia, Brasília, n.7, p.32-47, 2016.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina**: raízes de Aninha. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.189-210, 2018.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. A escrita poética do espaço em Cora Coralina. **Poesia Sempre**, Rio de Janeiro, n.31, 2009.

CASSOLA, Virgínia. L'esprit du lieu convoqué: patrimonialisation et enjeux. In: VOISIN, L.; SERVAIN-COURANT, S. (Dir.). **Paysages et patrimoines**. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais, 2016.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Reverberações do Projeto Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro na Bahia: a Coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio (2011-2014). **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, 2015.

CHAGAS, Mario. A poética das casas museus de heróis populares. In: SUANZES, Asunción Cardona (Coord.). **Casas museo**: museologia y gestión. Actas de los Congresos sobre Casas Museo (2006, 2007, 2008). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2013. p.301-307.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.

- CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.
- CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CUNHA, Eneida Leal. A “Casa Jorge Amado”. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- DELGADO, Andrea Ferreira. Goiás: a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.11, n.23, p.113-143, 2005.
- EL FAR, Alessandra. “A presença dos ausentes”: a tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.14, n.25, p.119-134, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- HERBERT, David. Literary places, tourism and the heritage experience. **Annals of Tourism Research**, v.28, n.2, p.312-333, 2001.
- HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória**. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014.
- ICOMOS. **Declaração de Québec sobre a preservação do “Spiritu loci”**. Québec, 4 de outubro de 2008.
- MARUJO, Noémi. O estudo de caso na pesquisa em turismo: uma abordagem metodológica. **Turismo: Estudos & Práticas**, Mossoró, v.5, n.1, p.113-128, 2016.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- PESQUERO-RAMON, Saturnino. **Cora Coralina: o mito de Aninha**. Goiânia: Editora da UFG; Editora da UCG, 2003.
- PUIG, Renata Guimarães. **A arquitetura de museus-casa em São Paulo (1980-2010)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Interunidades em Estética e História da Arte), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- QUINTEIRO, Sílvia. Os lugares da literatura: mapas e rotas literárias. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, ano 13, n.2, p.4-13, 2019.
- QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. **Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais**. Lisboa: Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras, 2017.

RAMOS, Anatole. Cora Coralina, o tesouro da casa velha de Vila Boa. **O Popular**, Goiânia, 17 out. 1971.

UCCELA, Francesca R. **Manual de patrimonio literario: espacios, casas-museo y rutas**. Gijón: Ediciones Trea, 2013.

VALLE, Ana Luiza Rocha do; BRITTO, Clovis Carvalho. Museus, Museologia e Literatura: representações de mundo e técnicas narrativas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v.10, n.19, p.305-335, 2021.

VIEL, Annette. Quand le *musée* vit au rythme de la cité: sens et contresens de l'esprit des lieux. **Art et philosophie, ville et architecture**, Paris, p.221- 235, 2003.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

YOKOZAWA, Solange Fiúza Cardoso. Confissões de Aninha e memória dos becos. In: BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia; VELLASCO, Marlene (Orgs.). **Moinho do tempo: estudos sobre Cora Coralina**. Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

***The literary place and the sewing of places:
interfaces between tourism, museum and Cora Coralina's poetics***

Abstract

This paper analyzes the interfaces between museum, tourism and Cora Coralina's poetics (1889-1985) in the construction of literary places in Goiás. The aim is to observe analytical possibilities regarding the frictions between the materiality of the text and the textuality of material culture in institution of fiction spaces built on the triangulation between literary text, life trajectory and territory. The theoretical references evidence the concept of literary place in the crossings between literary museum and literary tourism, when conceiving how this relationship can contribute to the expansion of the literary through the institution of a spatialized memory. Thus, based on exploratory research, on document analysis and bibliographic review, it chooses as case studies the Museu-Casa de Cora Coralina, the writer's tomb, the statue in front of the museum and the Caminho de Cora Coralina. The analyzes explain how the house-museum became a literary place and contributed to the creation and articulation of other places, problematizing the protocols and repertoires of literary tourism in this process. The intention of the research was to identify possible problems in the relationship between tourism, museum and literary life, in order to subsequently conduct interviews with tourists and managers about the main motivations for displacement and the relationship with the investigated literary places.

Keywords: *Tourism; Literature; Museum; Literary place; Cora Coralina.*

Artigo recebido em 05/07/2022. Aceito para publicação em 04/12/2022.